

## Tradição e Modernidade: diálogos possíveis entre teoria antropológica e etnografia virtual

MARINA LEITÃO MESQUITA\*

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre caminhos e possibilidades do diálogo entre as etnografias virtuais contemporâneas e o corpus de conhecimento tradicionalmente desenvolvido pela teoria antropológica. O trabalho etnográfico tem se tornado a cada dia mais plural, conscientizando-se sobre os processos históricos e contextuais de seus conceitos e técnicas. Reconhece-se, portanto, que as etnografias clássicas fornecem valiosas inspirações para a compreensão de realidades contemporâneas, de forma que a profundidade do detalhamento etnográfico colabora fortemente para a relevância de uma etnografia. A partir dessa reflexão, objetiva-se demonstrar que as etnografias que transitam entre os universos on-line e off-line, da mesma forma que aquelas realizadas inteiramente em um campo face a face, necessitam buscar parâmetros de qualidade e confiabilidade em seu desenvolvimento, conforme os critérios estabelecidos pela matriz disciplinar da antropologia. Assim, considera-se que as novas metodologias de etnografias virtuais devem estabelecer um debate com as leituras críticas direcionadas à prática etnográfica, bem como contribuir para o constante desenvolvimento da disciplina antropológica.

**Palavras-chave:** Pesquisa de campo; metodologia qualitativa; novas tecnologias.

*Tradition and Modernity: a possible dialog between anthropological theory and virtual ethnography*

**Abstract:** The purpose of this paper is to consider the ways and possibilities for dialog between contemporary virtual ethnographies and the body of knowledge traditionally developed by anthropological theory. Ethnographic work has become increasingly diversified, developing awareness on the historical and contextual processes of its concepts and techniques. It is recognized, therefore, that classical ethnographies provide valuable insights for the understanding of contemporary realities, in such a way that the depth of ethnographic detail strongly contributes to the relevance of ethnography. Based on this idea, we intend to show that ethnographies that travel between online and offline universes, in the same way as those produced entirely in a face-to-face context, require quality and reliability parameters for their development, according to the criteria established by anthropology's disciplinary matrix. Thus, it is considered that the new methodologies of virtual ethnographies should establish a dialog with critical readings focusing on the practice of ethnography, as well as contribute to the continuous development of the discipline of anthropology.

**Key Words:** Field research; qualitative methodology; new technologies.



\* **MARINA LEITÃO MESQUITA** é Professora Adjunta I da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-CE), na área de Teoria Antropológica. Doutora e Mestra (2013) em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

## Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre a importância de etnografias virtuais realizadas contemporaneamente estabelecerem um diálogo profundo com o corpus de conhecimento tradicionalmente desenvolvido pela teoria antropológica<sup>1</sup>. A argumentação incide em demonstrar que as etnografias que transitam entre os universos on-line (virtual) e off-line (material), da mesma forma que aquelas realizadas inteiramente em um campo face a face, necessitam buscar parâmetros de qualidade e confiabilidade em seu desenvolvimento, conforme os critérios estabelecidos pela matriz disciplinar da antropologia.

O interesse em realizar uma reflexão mais aprofundada a respeito dessa temática surgiu a partir dos desafios postos pela realização de pesquisas etnográficas que se iniciavam em contextos de campo convencionais<sup>2</sup> e paulatinamente as múltiplas realidades virtuais entravam em cena, complexificando as relações com as/os interlocutoras/es. Atualmente, desenvolvo uma pesquisa onde essa elaboração metodológica é primordial, já que busco compreender como discursos sobre gênero e sexualidade nas mídias e nas redes sociais tencionam as reflexões sobre educação,

direitos humanos e políticas de reconhecimento<sup>3</sup>.

Esse investimento reflexivo teórico-metodológico teve início durante o mestrado em antropologia, onde desenvolvi uma pesquisa de campo em um estabelecimento voltado para apresentações de performances de artistas trans na capital cearense. Nesse contexto, pude observar a importância da sociabilidade para essas artistas e para os/as frequentadores/as da boate em torno da página (*fan page*) do estabelecimento, no site de relacionamentos *Facebook*<sup>4</sup>. Muito de seu convívio, práticas e experiências eram expostas na *fan page*, a partir de seus perfis pessoais, demonstrando uma continuidade entre suas vivências on-line e off-line.

Nesse sentido, considerando que a etnografia encontra sua especificidade no domínio dos saberes antropológicos, sempre composta por métodos de coleta de dados agregados à prática do trabalho de campo (ECKERT e ROCHA, 2008), no desenvolvimento deste trabalho argumentarei que as novas metodologias de etnografias virtuais precisam estabelecer um debate com as leituras críticas direcionadas à prática etnográfica clássica, bem como contribuir para o constante desenvolvimento da disciplina antropológica. Se no que diz respeito à antropologia, os atos cognitivos de

<sup>1</sup> Questões aqui desenvolvidas compuseram partes de um trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Os comentários e observações recebidos na ocasião foram pertinentes para aperfeiçoar a reflexão.

<sup>2</sup> Por convencionais me refiro aos contextos de pesquisa que ocorrem exclusivamente em ambientes off-line, isto é, que não utilizam como suporte prioritário ou único *chats* e/ou as redes sociais. É importante ressaltar, entretanto, que todo campo de pesquisa apresenta suas renovações e especificidades.

<sup>3</sup> Essa pesquisa é desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual Vale do Acaraú-CE, em parceria com pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Cultura e Sociedade (GEPE-CNPq).

<sup>4</sup> Facebook é uma rede social inaugurada em 2004. Atualmente conta com 2,13 bilhões de usuários no mundo. Fonte: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062> Acesso em 25.02.2019.

olhar, ouvir e escrever estão comprometidos com o horizonte de sentidos característicos à disciplina (OLIVEIRA, 2006), considero, portanto, que em pesquisas que tomam como campo ambientes de sociabilidade que utilizam como suporte a internet, essas capacidades cognitivas imprescindíveis ao trabalho do antropólogo também devem estar comprometidas com o sistema de ideias e valores (OLIVEIRA, 2006) próprios da disciplina. Nesse sentido, a seguir desenvolvo uma discussão teórico-metodológica acerca das interfaces possíveis entre antropologia e etnografia virtual, bem como discuto trabalhos que fazem uso dessas perspectivas.

### **Antropologia, Etnografia, Etnografia virtual**

Admitindo suas preferências pelos cânones tradicionais da abordagem etnográfica, Daniel Miller e Don Slater (2004) desenvolveram uma contundente crítica sobre como as chamadas etnografias virtuais vinham sendo construídas. Os autores argumentam que o termo “etnografia” vem se tornando uma abordagem da moda entre diversas disciplinas. Observaram que na área dos estudos culturais, por exemplo, usar o método etnográfico quer dizer apenas se tratar de uma análise não simplesmente textual, que estabeleça contato com interlocutores em campo. Em outros casos, a noção de “etnografia da internet” designa um estudo centrado em uma comunidade de relacionamentos exclusivamente on-line, abordagem conhecida também como “etnografias do ciberespaço”<sup>5</sup>.

Nessa perspectiva, já que a pesquisa de campo não se resume a uma mera

técnica de coleta de dados, mas sim em um procedimento com implicações teóricas determinantes (PEIRANO, 1995), o objetivo aqui pretendido concerne em demonstrar a importância de a etnografia virtual estabelecer profundas discussões que considerem os conhecimentos tradicionalmente desenvolvidos pela antropologia, tanto em relação às monografias clássicas, como no que tange às críticas do movimento *Writing Culture*<sup>6</sup>. Portanto, buscarei argumentar que as etnografias contemporâneas que transitam entre os universos on-line e off-line devem estabelecer um debate e/ou incorporar as leituras críticas direcionadas a prática etnográfica, bem como contribuir para o constante desenvolvimento da disciplina.

O que compreendemos hoje como pesquisa de campo e trabalho etnográfico se consolidou como conduta e método ideal em meados do século XX. Franz Boas, considerado o pai-fundador da antropologia norte-americana, teve relevante influência nesse processo. Seu empreendimento metodológico visava o conhecimento dos processos históricos, a busca da especificidade psicológica da humanidade, a coleta de grandes quantidades de dados que pudessem dar uma base empírica sólida para os estudos vindouros e indicava que uma investigação seria bem mais produtiva propondo chegar a uma hipótese, e não partir dela (STOCKING, 2004). Conforme expressa Peirano (1995), a antropologia não está imune ao poder dos mitos, sendo o trabalho de campo segundo o modelo executado por Bronislaw Malinowski entre os trobriandeses, exposto na introdução de

<sup>5</sup> Referência fundamental desse modelo de abordagem seria a obra *Cibercultura*, de Pierre Lévy (1999), bem como os trabalhos inspirados em sua perspectiva.

<sup>6</sup> A obra “A escrita da cultura: poética e política da etnografia”, organizada por Clifford e Marcus (2016) é uma referência fundamental.

*Os argonautas do pacífico ocidental* (1976), preponderante entre antropólogos das mais variadas escolas.

A pesquisa de campo nos moldes de Malinowski consiste na realização da observação participante, onde o etnógrafo deve emergir completamente no universo pesquisado, por um longo período de tempo e necessariamente isolado de seus pares, de forma que sua convivência com os nativos possa ser a mais profunda possível. O cotidiano e as descobertas da pesquisa devem ser registrados em um diário de campo, que vem a conter as informações coletadas durante a permanência no local da pesquisa. Esses dados de pesquisa são construídos através de um convívio que se baseia em um relacionamento face a face, onde o pesquisador se desloca geográfica e simbolicamente a um longínquo campo de estudo<sup>7</sup>.

No esteio de Malinowski e do estrutural-funcionalismo desenvolvido por Radcliffe-Brown, uma nova geração de antropólogos ingleses participou de um momento entendido por Feldman-Bianco (2007) como uma transição na antropologia. A Escola de Manchester, representada por Max Gluckman, Clyde Mitchell, Jaap Van Velsen etc., deslocou a ênfase nas sociedades ditas tradicionais para as sociedades contemporâneas. Objetivando o entendimento da mudança social e do conflito, esses autores buscaram compreender a inserção social complexa de indivíduos em situações de transformação, sobretudo nos processos de descolonização das sociedades africanas (FRY, 2011).

Já a partir dos anos 1960, surge com muita força a abordagem hermenêutica

interpretativista proposta por Clifford Geertz (2008). Partindo de um conceito semiótico de cultura, o autor afirma que a prática antropológica consiste na etnografia, e seu objetivo incide na elaboração de uma descrição densa. As proposições analíticas de Geertz (2008; 2012) sugerem uma prática etnográfica como um empreendimento contestável, pois ela é intrinsecamente incompleta. No bojo da antropologia interpretativa, ocorre uma crítica incisiva a respeito do modo como as etnografias clássicas foram construídas. Autores, como James Clifford e George Marcus, dedicaram-se a uma desconstrução da disciplina, buscando incorporar elementos que julgavam estar ausentes nas monografias até então realizadas. Ao refletir sobre a crítica pós-moderna norte-americana, Caldeira (1988) aponta para transformações teóricas e metodológicas, baseadas em uma ênfase nas relações de poder inerentes ao convívio social e no que tange os relacionamentos estabelecidos entre pesquisador e pesquisados.

Nesse contexto, sobretudo a partir de meados da década de 1990, surge uma série de estudos interessados em experiências sociais que utilizam como suporte novas tecnologias, baseadas no crescente uso da internet como forma de comunicação e sociabilidade. No Brasil, importantes experimentos e proposições metodológicas têm motivado pesquisadores dos mais variados campos do saber, sobretudo nas ciências sociais. Nessa seara podemos destacar a produção de Theophilos Rifiotis (2016). O autor elabora uma consistente reflexão sobre os limites e as possibilidades vislumbradas pelo desenvolvimento de um conjunto de trabalhos que tomam o ciberespaço como ambiente de investigação

<sup>7</sup> Para além dessas indicações, fortemente utilizadas como modelo, o método de Malinowski também está baseado na criação/utilização dos quadros sinóticos.

etnográfica<sup>8</sup>. Além de tematizar abordagens e objetos distintos no contexto do ciberespaço, o esforço intelectual de Rifiotis (2016) busca debater as bases de etnografias em ambientes virtuais, bem como as perspectivas teórico-metodológicas inauguradas pelo diálogo com a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012) e possibilitadas pelos esforços de simetriação (WAGNER, 2012; STRATHERN, 2014).

No que concerne às investigações em ambientes de sociabilidade on-line, questões que envolvem redes sociais e relacionamentos interpessoais elaboram um interessante conjunto de pesquisas, que inspiram renovações no campo. Um desses exemplos é o trabalho de Carolina Parreiras (2008), que busca refletir sobre algumas questões metodológicas enfrentadas no âmbito de sua pesquisa em uma *comunidade* on-line do site de relacionamentos *Orkut*<sup>9</sup>, frequentada por homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens. A autora argumenta que uma das maiores contribuições de sua pesquisa consistiu em identificar que, apesar de ser visto como um ambiente revolucionário, o universo on-line carrega consigo diversos padrões e normas passíveis de serem encontrados em contextos sociais mais amplos.

Nessa perspectiva, as pesquisas de Richard Miskolci (2016; 2013) e Larissa Pelúcio (2016) exploram aproximações afetivo-sexuais entre pessoas LGBT de diferentes redes sociais e ambientes. Miskolci (2013) busca compreender como as normas de gênero e sexualidade são renegociadas

por homens que frequentam salas de bate-papo on-line e buscam estabelecer relações afetivo-sexuais com outros homens, construindo para si vivências diversas de seus cotidianos e agenciando o “armário” (SEDWICK, 2007). Já Pelúcio (2016) aborda as temáticas de gênero, sexualidade, saúde e mídias digitais a partir de diálogos com as teorias feministas e os estudos subalternos, de forma a complexificar as discussões teórico-metodológicas do campo.

É importante ressaltar que, além das pesquisas aqui elencadas, há uma diversidade de grupos de trabalho sobre etnografias virtuais ocorrendo em importantes congressos no campo das ciências sociais, como o Encontro Anual da Anpocs<sup>10</sup>, a Reunião Brasileira de Antropologia<sup>11</sup> e o Congresso Brasileiro de Sociologia<sup>12</sup>. Assim, esse compartilhamento de desafios e caminhos metodológicos por pesquisadores de todo o país repercute em um refinamento das discussões e possibilidades analíticas. De forma a consolidar a discussão e as pesquisas realizadas em conjuntura nacional, ocorre, ainda, o diálogo e o intercâmbio de ideias entre perspectivas teórico-metodológicas em contextos transnacionais.

Dentre os autores que inspiram esse campo de pesquisa, podemos considerar Christine Hine (2000). A autora pontua que a ideia de viagem a um campo longínquo, utilizada como um aspecto legitimador de etnografias tradicionais, ganha outro sentido em se tratando de etnografias do ciberespaço.

<sup>8</sup> Sobretudo no âmbito do GrupCiber (Grupo de Pesquisa em Ciberantropologia), da UFSC.

<sup>9</sup> Foi uma rede social de muito sucesso no Brasil, em atividade entre os anos de 2004 e 2014.

<sup>10</sup> GT 02. Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura.

<sup>11</sup> GT 57. Processos e dinâmicas no ciberespaço: divergências, dissidências, usos e contra usos em relação à experiência de si.

<sup>12</sup> GT 36. Sociologia Digital.

Considerando essa viagem como algo para além do deslocamento geográfico do antropólogo, em pesquisas que tomam a internet como meio, a viagem física pode ser substituída por uma “viagem experimental”, por meio do texto, das imagens e do olhar, baseada em um intercâmbio de experiências.

A perspectiva defendida pela autora incorpora fortemente a crítica realizada pelos meta-etnógrafos pós-modernos, que tomam como “outro” os textos etnográficos (CALDEIRA, 1988). Hine (2000) defende a possibilidade de tomar a internet como um texto, produzido a partir de um contexto cultural específico. Assim, uma etnografia virtual se configura em um processo de leitura e escrita de textos, isto é, o pesquisador tem acesso ao que é escrito, interpreta e escreve textos que também serão interpretados por seus sujeitos de pesquisa. Portanto, em sua concepção, há um encontro etnográfico dialógico e intersubjetivo, semelhante àquele propiciado por pesquisas off-line, não se restringindo a uma simples leitura de textos. Nesse ponto, é possível observar que Hine (2000) não fundamenta sua metodologia em etnografias clássicas, tomando com muito entusiasmo a crítica pós-moderna e posicionando-se no campo da disciplina.

Outra vertente importante para o desenvolvimento de uma metodologia de investigação de fenômenos que perpassam os ambientes virtuais é a defendida por Miller e Slater (2004), que realizam uma sofisticada reflexão sobre as tensões entre etnografias on-line e off-line. Os autores observam que o fato de estar presente fisicamente no campo não confere automaticamente a legitimidade do trabalho etnográfico, assim como realizar um estudo off-line não necessariamente deslegitima uma pesquisa. Na verdade, salientam os

pesquisadores, toda boa etnografia deve seguir alguns parâmetros que conferem qualidade e confiabilidade à investigação, já que a prática etnográfica constitui e é constituída pelo corpus de conhecimento acumulado ao longo de sua trajetória disciplinar.

O primeiro nível de definição de uma boa etnografia diz respeito à observação participante e ao tempo necessário para sua execução, que deve ser longo e paciente, de modo que as relações extrapolem uma condição de superficialidade. Esse aspecto é determinante para diferenciar uma boa etnografia daquelas que utilizam inapropriadamente o termo. A etnografia deve compreender, ainda, uma diversidade de métodos, ou seja, realizar uma triangulação, permitindo que surjam conhecimentos mais profundos e que possam ressignificar as impressões iniciais. Outra questão importante para atribuir qualidade a uma etnografia, consiste em possibilitar, ao longo do tempo, que os sujeitos e objetos da pesquisa possam ser ressignificados de forma compreensiva no âmbito de contextos mais amplos. Os autores entendem que a etnografia elabora um conhecimento holístico, que situa um fenômeno dentro de contextos mais abrangentes.

Ao traçarem parâmetros de qualidade e confiabilidade da etnografia, Miller e Slater (2004) dialogam com a tradição disciplinar da antropologia, bem como se esforçam para propor alternativas contemporâneas a um conjunto de autores pós-modernos que problematizaram a noção mais clássica de campo. O objetivo dos autores é tornar viáveis as novas possibilidades que a internet oferece para a produção da pesquisa de campo e, ao mesmo tempo, evitar usos equivocados da perspectiva etnográfica. Nesse sentido,

os fatores que determinam a qualidade de uma etnografia on-line passam por todos os parâmetros abordados pelos autores, bem como pelo compromisso em relacionar o fenômeno a contextos mais amplos. Deve-se, sobretudo, evitar que noções como “virtualidade” ou “ciberespaço” constituam-se como pressupostos metodológicos. É preciso, pois, cercar o fenômeno pesquisado de todas as formas possíveis, o que consiste, muitas vezes, em realizar uma pesquisa que transite entre os universos on-line e off-line. Conforme os autores:

O problema não é só a falta generalizada de envolvimento contextualizado e em longo prazo. Nem é simplesmente a fascinação com o “virtual” e o “ciberespaço”, que tem levado tantos pesquisadores a conduzir estudos inteiramente *on-line* sobre os modos de interação e relacionamento específicos ao cenário *on-line*. O problema, ao contrário, é a falta de atenção às formas em que o objeto e o contexto precisam ser definidos em relação um ao outro para projetos etnográficos específicos. Às vezes, o uso da Internet parece constituir virtualidades, às vezes não. Certamente, no entanto, as diferenças observadas sobre esse assunto irão ou deveriam mudar as formas como um(a) pesquisador(a) reflete sobre a complexa relação entre pesquisa *on-line* e *off-line*, ao invés de incitá-lo(a) a começar de uma posição presumida e dogmática sobre esse tema (MILLER e SLATER, 2004, p. 47).

Nesse sentido, os autores defendem que mesmo pesquisas desenvolvidas inteiramente on-line, deverão sempre buscar compreender quais aspectos off-line são determinantes para configurar o

fenômeno em questão<sup>13</sup>. Portanto, há o reconhecimento de um relacionamento complexo e cheio de nuances entre os universos on-line e off-line, onde cada recorte de pesquisa determinará o modo como eles serão trabalhados. Algumas pesquisas iniciam-se on-line e partem para aspectos off-line, de acordo com a necessidade da abordagem de cada fenômeno específico. Outras iniciam um campo face a face com os sujeitos de pesquisa, deslocando-se fisicamente e participando de seus eventos e momentos cotidianos. Entretanto, atualmente, é cada vez mais comum que mesmo em pesquisas face a face, as trajetórias dos sujeitos levem o pesquisador a lidar com algum tipo de sociabilidade na internet. Cabe ao etnógrafo definir, baseado na realidade em questão, se as atividades on-line dos sujeitos são significativas para sua pesquisa.

Dessa forma, acredito que as proposições de Miller e Slater (2004), que estabelecem parâmetros de qualidade e confiabilidade para uma etnografia e preocupam-se com as nuances entre os mundos on-line e off-line, configuram-se em perspectivas promissoras para o desenvolvimento de etnografias que transitam entre os contextos virtuais e reais, contribuindo fortemente para a consolidação desse tipo pesquisa, no que tange aos aspectos teóricos e metodológicos.

<sup>13</sup> Por exemplo: Slater desenvolveu uma etnografia totalmente on-line, durante 18 meses. Porém, para compreender o fenômeno adequadamente, preocupava-se constantemente com a relação entre atividades on-line e off-line, pois para compreender o motivo pelo qual donas de casa norte-americanas gastavam tantas horas trocando materiais sexualmente explícitos na internet, o pesquisador precisou abordar seus relacionamentos com maridos e filhos, a fim de entender suas escolhas e opiniões (SLATER, 2000 in: MILLER e SLATER, 2004).

### Considerações finais

O trabalho aqui proposto procurou refletir sobre os desafios e as possibilidades da realização de pesquisas etnográficas no âmbito de sociabilidades que tem como suporte a internet. Considerando aspectos teóricos e, sobretudo, que dizem respeito à metodologia de pesquisa, argumentou-se que a etnografia virtual deve ser conduzida de acordo com os pressupostos metodológicos desenvolvidos no contexto da tradição disciplinar dos estudos antropológicos.

Nesse sentido, objetivou-se identificar e refletir a respeito de aspectos que conferem características e noções de qualidade e confiabilidade a uma pesquisa etnográfica nos moldes tradicionais, argumentando, porém, que etnografias realizadas em ambientes de sociabilidade on-line também precisam estar sob a égide dessas mesmas características. Acredita-se, portanto, que a etnografia virtual não consiste em uma prática de pesquisa autônoma, mas sim em uma vertente do modo de conhecimento classicamente desenvolvido pela antropologia.

Argumentou-se sobre a importância de o pesquisador manter-se atento para quando um campo vivenciado inicialmente da maneira tradicional, isto é, face a face, apresentar processos que levem a uma abordagem de outros contextos importantes para a compreensão do universo simbólico dos sujeitos. Percebe-se que, atualmente, é cada vez mais comum que mesmo em ambientes de interação pessoal, ocorra uma interligação com espaços de sociabilidade via internet. Assim, torna-se importante refletir sobre problemas metodológicos concernentes às pesquisas on-line, bem como aos contextos etnográficos que transitam entre os universos on-line e off-line, que

configuram-se em uma das principais características contemporâneas.

Conforme Michel Fischer (2009), as etnografias contemporâneas não colocam em jogo simplesmente novas metáforas, mas realizam um retorno a importantes questões há muito problematizadas pela disciplina, tais como questões de classe, disputas culturais, justiça social, assuntos éticos etc. O autor observa que o trabalho etnográfico tem se tornado a cada dia mais plural, conscientizando-se sobre os processos históricos e contextuais de seus conceitos e técnicas, bem como de sua própria formação. Reconhecendo que as etnografias clássicas fornecem valiosas soluções para a compreensão de realidades contemporâneas, Fischer (2009) entende que a profundidade do detalhamento etnográfico se configura naquilo que torna uma etnografia relevante. Dessa forma, considero que as atuais etnografias dos ambientes virtuais devem beber na fonte das etnografias clássicas, estar amparadas pela tradição da teoria antropológica, buscar parâmetros de qualidade e confiabilidade e, finalmente, procurar desenvolver um profundo detalhamento etnográfico.

### Referências

- CALDEIRA, T. P. R. A presença do autor e a pós-modernidade. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 2, n. 21, p.133-157, 1988.
- CLIFFORD, J; MARCUS, G. **A escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2016.
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. Etnografia: Saberes e Práticas. In: **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. Métodos e técnicas. São Paulo: Unesp, 2009.

- FISCHER, M. Etnografia renovável: seixos etnográficos e labirintos no caminho da teoria. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 23-52, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200002) Acesso em 25.02.2019.
- FRY, P. Nas redes antropológicas da escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual. **Illuminuras**, v. 12, n. 27, p. 1-13, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/20854> Acesso em 25.02.2019.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEERTZ, C. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres: Sage, 2000.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: Uma introdução à teoria do ator-rede. São Paulo: Edusc, 2012.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MILLER, D e SLATER, D. Etnografia On e Off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832004000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100003) Acesso em 25.02.2019.
- MISKOLCI, R. Machos e *Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016> Acesso em 25.02.2019.
- MISKOLCI, R. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016. Disponível em:
- <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525> Acesso em 25.02.2019.
- OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.
- PARREIRAS, C. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Campinas, Campinas, 2008.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PELÚCIO, L. Afetos, mercados e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivo/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 309-333, 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/526> Acesso em 25.02.2019.
- RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 85-99, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v31n90/0102-6909-rbcsoc-31-90-0085.pdf> Acesso em: 25.02.2019.
- SEDWICK, E. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** v. 1, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf> Acesso em 25.02.2019.
- STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- STOCKING JR., G. W. (org.). **Franz Boas**. A formação da antropologia americana. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Recebido em 2018-12-03  
Publicado em 2019-03-12